

ENTRE A COLMÉIA MURMURANTE E A MÃO INVISÍVEL: ANALOGIAS ENTRE A FÁBULA DAS ABELHAS E A RIQUEZA DAS NAÇÕES

Guilherme Ricken *

Resumo: Este artigo busca explicitar semelhanças entre os pensamentos dos filósofos Bernard Mandeville e Adam Smith, fundamentando-se na análise de analogias entre as obras *A Fábula das Abelhas* e *A Riqueza das Nações*.

Palavras-chave: Bernard Mandeville. Adam Smith. *A Fábula das Abelhas*. *A Riqueza das Nações*. Individualismo. Liberalismo.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é encontrar e explicitar analogias entre o poema “A Fábula das Abelhas” – de autoria do filósofo e economista político Bernard Mandeville – e a obra “A Riqueza das Nações”, cujo mentor, o escocês Adam Smith, foi também filósofo e economista político.

Em um primeiro momento, serão apresentados dados biográficos das personalidades supracitadas. Suas vidas desde os primeiros momentos, a ascendência profissional de ambos os escritores, suas principais realizações, as influências sofridas, entre outros aspectos relevantes para a compreensão de suas linhas de pensamento, serão aqui abordados.

Em seguida, será a vez de mostrar informações acerca das obras que são o objeto desta pesquisa. Será exibido um resumo de cada uma delas, visto que o entendimento (mesmo que não minuciosamente aprofundado) de seus conteúdos é fundamental para as análises que se seguirão. Da mesma forma, as implicações decorridas da publicação de cada um dos livros não serão aqui olvidadas, pois a Economia é uma ciência que implica uma perpétua atuação social.

Posteriormente, iniciar-se-ão as comparações entre as obras em questão. Por meio de citações dos textos será possível a percepção, por parte do leitor, das comunhões de idéias entre Bernard Mandeville e Adam Smith, as quais poderiam

* Acadêmico do curso de graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina e do curso de graduação em Ciências Econômicas da Universidade do Estado de Santa Catarina.

passar despercebidas para um público que lesse as duas publicações com um grande intervalo de tempo entre elas. As semelhanças encontradas também merecerão uma análise, em virtude do fato de que a mera escolha de trechos parecidos não seria suficiente para um eficaz e útil entendimento das realidades que cercam os textos aqui trabalhados.

2. BERNARD MANDEVILLE

Bernard Mandeville (ou Bernard de Mandeville) nasceu na cidade de Rotterdam, Holanda, em 15 de novembro de 1670. Formou-se em medicina aos 21 anos de idade, tendo se mudado em seguida para a Inglaterra. Seu objetivo com essa viagem era aprender a língua inglesa, no que teria se saído tão majestosamente bem que as pessoas duvidavam de que ele fosse um estrangeiro.

Posteriormente, no ano de 1705, ele publicou um poema intitulado de *A colméia murmurante*, ou *Os velhacos que se tornaram honestos*. Essa obra foi republicada em 1714 como parte do livro *A Fábula das Abelhas: ou Vícios Privados, Benefícios Públicos*, que continha também um comentário em prosa sobre as origens da virtude moral. Tanto o poema como seus comentários foram tidos como imorais, sendo incansavelmente combatidos por setores da sociedade inglesa, tais como a Igreja Anglicana. *A Fábula das Abelhas*, como afirma E. K. Hunt:

Apresentou o paradoxo aparentemente estranho de que os vícios mais desprezados pelo antigo código moral, se praticados por todos, resultariam em maior proveito para o público. Asseverava ele que a ambição, o egoísmo e o comportamento aquisitivo tenderiam a contribuir para a industrialização e uma indústria próspera. (2005, p. 30).

Quando a esse aspecto da filosofia de Mandeville, os especialistas são praticamente unânimes em afirmar que ele não objetivava subverter a moralidade. Suas opiniões sobre a natureza humana, no entanto, eram degradantes e cínicas, o que também pode ser constatado na leitura de seus demais livros não tão famosos. Em uma sociedade na qual a filosofia moralista cristã imperava, o autor de *A Fábula das Abelhas* defendeu idéias polêmicas, tais como a possibilidade de haver virtude sem autonegação. Assim, ele menosprezava e tornava inútil a pregação por parte dos religiosos que, segundo ele, tolhiam aspectos intrínsecos à natureza do homem.

Quando aos seus pensamentos mais notáveis na área econômica, podem-se imputar a Mandeville idéias como a cooperação silenciosa entre indivíduos, o mercado-livre e a divisão do trabalho. Teve como predecessor o economista, filósofo e cientista inglês William Petty¹, do qual sofreu influência. Já dentre aqueles que leram e, de alguma forma, foram atingidos pelos textos de Mandeville, destaca-se o fundador da moderna ciência econômica, Adam Smith, que será mais bem trabalhado a seguir. Tanto ele como o autor em questão acreditavam que as ações coletivas dos indivíduos acarretavam em benefícios públicos (HAYEK, 1967, tradução nossa).

Mandeville veio a falecer na Grã-Bretanha, no dia 21 de janeiro do ano de 1733.

3. A FÁBULA DAS ABELHAS

Obra maior do filósofo inglês Bernard Mandeville, *A Fábula das Abelhas: ou, Vícios Privados, Benefícios Públicos*, consiste basicamente em um extenso poema, intitulado de *A colméia murmurante*, ou *Os velhacos que se tornaram honestos*. O poema teve sua primeira edição no ano de 1705, tendo sido publicado novamente cerca de nove anos depois. Como afirmou certa vez o escritor e lexicógrafo inglês Samuel Johnson, a obra de Mandeville era “um livro que todo jovem possui em suas estantes na crença errônea de que é um livro depravado”.

Além de ser uma das obras-primas nos campos de conhecimento da ética, da filosofia e da economia, *A Fábula das Abelhas* também é considerado um clássico da literatura mundial. Embora – como supracitado – o livro tenha sido publicamente condenado em função de suas idéias, um tanto incompatíveis com a ideologia moral vigente na época, ele teve uma excelente vendagem desde sua primeira tiragem até meados do século XIX. Muito criticado, o autor teve de redigir uma série de textos para melhor explicitar seus pensamentos, o que não convenceu os setores que se sentiam perturbados com as asserções apresentadas.

¹ Suas idéias mais notáveis quanto à área da Economia dizem respeito à divisão do trabalho, a teorias monetárias e fiscais e à estatística econômica.

Em suma, o poema conta a história de uma colméia de abelhas, a qual constitui uma metáfora para exibir as relações sociais presentes na sociedade inglesa da época. Como assevera o próprio Mandeville:

Esses insetos viviam como os homens, e todas
as nossas ações eles realizavam em miniatura.
Eles faziam tudo o que é feito na cidade,(...)
Embora os trabalhos engenhosos dos pequenos
Escapassem à percepção humana (Tradução nossa) (1988, p. 66).

A colméia era rica e próspera, com governantes controlados pelas leis. A força militar a protegia de invasores, sendo que a indústria proporcionava bens em grande escala. Tudo corria de maneira próspera, embora as abelhas sentissem-se incomodadas com sua própria falta de virtudes. Assim, elas pediram a Mercúrio que a honestidade imperasse naquele lugar. Como escreve Eduardo Giannetti “a primeira coisa que acontece é um sentimento profundo e geral de vergonha” (2002, p. 137). Como resultado, o desemprego cresceu assustadoramente, uma grande quantidade de habitantes emigrou e, por fim, a colméia foi tomada por um exército de invasores.

4. ADAM SMITH

Adam Smith veio ao mundo na pequena cidade de Kirkcaldy, na Escócia, em cinco de junho de 1723. Esse município comportava míseros 1500 habitantes, mas dispunha de um vigoroso comércio naval via Mar Báltico. Seu pai fora um controlador alfandegário, mas havia falecido seis meses antes do nascimento do pequeno Adam. Em contrapartida, sua mãe viveu muitos anos, vindo a falecer apenas seis anos antes do próprio filho. A família era de classe alta, embora não pertencesse à nobreza.

Após terminar os estudos básicos em sua localidade de origem, Adam Smith partiu para continuar seus estudos na Universidade de Glasgow. Sobre essa época, afirma Kenneth Lux:

Adam era a própria criança precoce. Aos catorze anos tornou-se estudante do Glasgow College. (...) Aos dezessete anos, Adam obteve uma bolsa de estudos para Oxford. Infelizmente, Oxford não era então o que viria a se tornar, e Adam teve muito a lamentar acerca da frivolidade, das bebedeiras e da absoluta falta de seriedade acadêmica. (1993, p. 19).

Deixando Oxford, após sua graduação, Smith retornou à Universidade de Glasgow para assumir o cargo de professor. Sua primeira disciplina ministrada foi *Lógica*, seguida de *Filosofia Moral*. Em 1759 publicou a obra *Teoria dos Sentimentos Morais*, o que o levou a ser indicado para ser tutor do Duque de Buccleugh. Com esse convite, Adam demitiu-se da universidade e passou a viajar juntamente com o jovem nobre ao redor da Europa, o que foi de grande engrandecimento intelectual. No que diz respeito a essa mudança na vida do personagem em questão, diz John Kenneth Galbraith:

Os benefícios ao duque destes passeios perderam-se para a história, mas a experiência seria importantíssima para Smith. Na Suíça ele visitou Voltaire no belo *château* que ainda existe perto de Genebra, num lugar que hoje se chama Ferney-Voltaire, e em Paris e Versalhes conheceu Quesnay² e Turgou³, entre outros. Uma característica notável de *A Riqueza das Nações* é seu tom cosmopolita; as suas idéias, comentários e informações provêm de muito além das fronteiras da Escócia ou da Inglaterra. O crédito cabe sem dúvida a estes anos de andanças. (1989, p. 55).

Adam Smith começou a composição de sua obra-prima ainda na França, para onde foi levado por seu protegido. Ao retornar à Inglaterra, passa algum tempo em Londres, mas volta em seguida para sua cidade natal, trabalhando nos manuscritos de seu livro. Finalmente, em nove de março 1776, *A Riqueza das Nações* foi publicado, tendo sua primeira edição esgotado quase instantaneamente. Em princípios de 1800, a obra já estava traduzida para vários idiomas.

Após a boa aceitação do livro, Smith foi nomeado para um alto cargo na administração pública escocesa. Mudou-se então para Edimburgo, e nos anos seguintes foi agraciado com a indicação para ser reitor da Universidade de Glasgow.

Adam Smith morreu em 17 de julho de 1790, acometido por uma doença.

5. A RIQUEZA DAS NAÇÕES

2 François Quesnay, economista francês, principal membro da escola dos fisiocratas. (N. do autor)

3 Anne Robert Jacques Turgot, economista francês, cuja obra é considerada o elo entre a fisiocracia e a escola clássica inglesa. (N. do autor)

Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações, ou popularmente conhecida como *A Riqueza das Nações*, é a obra-prima do escocês Adam Smith, a qual possui uma importância tal que influencia até nos presentes dias. Como diz Maurício Coutinho:

A Riqueza das Nações (1776) possui o significado de manifesto de uma nova ciência. Se desde a metade do século XVII, nos textos de panfletaristas do mercantilismo, ou na obra de autores como Petty, Cantillon, Quesnay, os sinais delimitadores de um campo específico de reflexão tornavam-se salientes, apenas com Adam Smith afirma-se definitivamente uma temática própria, e uma ciência do pensamento econômico: a economia política clássica. (1993, p. 97).

Na obra em questão, segundo Diva Benevides Pinho, “o autor busca uma teoria do desenvolvimento econômico” (2004, p. 31). Para ele, o principal fator para esse desenvolvimento seria a divisão do trabalho, com uma conseqüente especialização das forças produtivas.

Além disso, o sistema mercantilista é profundamente criticado no livro. Para Adam, a regulação e o controle estatal sobre a economia tolheriam a propensão natural humana para a troca, o que não resultaria em algo positivo. Ele defendeu uma auto-regulação do mercado (com exceção de alguns setores essenciais, como a economia em tempos de guerra), pois a maximização da concorrência, guiada pela “mão invisível”, traria benefícios a toda a sociedade.

Além da divisão do trabalho, o livro trata do princípio que ocasiona essa divisão, de como ela é limitada pela extensão do mercado, da origem e do uso do dinheiro, do preço real e nominal das *commodities*, das partes componentes do preço das *commodities*, do preço natural e de mercado das *commodities*, do salário do trabalho, da renda da terra, da acumulação de capital, do progresso natural da opulência, do comércio, da restrição sobre importações, entre outros assuntos que compõe os dois volumes da obra.

Em suma, para melhor caracterizar a contribuição da obra, assevera Daniel Fوسفeld:

É fácil perceber porque *A Riqueza das Nações* é um dos livros mais importantes da civilização ocidental. Em primeiro lugar, é uma obra polêmica para seu próprio tempo e dirigida contra as práticas vigentes e a política do governo. Em segundo lugar, é também um tratado filosófico que aborda os problemas fundamentais de ordem e caos na sociedade humana. Por fim, é um tratado acadêmico que analisa os princípios que regem o funcionamento do sistema econômico. Esses três temas estão tão inter-relacionados que nenhum deles pode ser considerado por si só; um complementa o outro. É uma mistura fascinante de ideologia, filosofia e análise teórica. (2003, p. 50).

Dessa forma, assegura-se a importância da obra maior de Adam Smith.

6. ANALOGIAS ENTRE A *FÁBULA DAS ABELHAS* E A *RIQUEZA DAS NAÇÕES*

As principais semelhanças entre o pensamento de Bernard Mandeville e o de Adam Smith dizem respeito ao fato de que ambos lançaram o embrião do que viria a ser o liberalismo econômico. Como afirma Fustfeld acerca da *Fábula das Abelhas*:

O livro foi proibido pelo incomodado governo, com total apoio dos guardiões da moralidade. Contudo, ao lado da teoria do ajustamento econômico natural descrita por North e Hume, a motivação egoísta pregada por Mandeville tornou-se a base para a próxima grande teoria econômica – o *liberalismo econômico*. (grifo do autor)

A idéia de que o auto-interesse racional, aliado às forças de um mercado competitivo, pudesse levar a um regime de organização social mundo de ações individuais estava começando a se desenvolver. (2003, p. 29).

Da mesma forma, Smith também previu que os interesses individuais trariam benefícios para a coletividade. Assevera novamente Fustfeld:

Adam Smith apregoava um sistema de “liberdade natural”, no qual todos seriam livres para perseguir e alcançar seus próprios interesses. Esse sistema, defendia ele, resultaria em mais riqueza tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Na realidade, esforços individuais trariam benefícios máximos para o conjunto da sociedade e para os outros indivíduos. Esse era o princípio simples que possibilitaria o desenvolvimento da ordem social em uma sociedade individualista. (2003, p. 41).

Para melhorar embasar os argumentos, utilizar-se-á de dados cronológicos. Adam Smith nasceu em 1723, apenas dez anos antes da morte de Bernard Mandeville. Em função de sua vasta gama de estudos, seja em Glasgow ou em Oxford, além de sua estadia fora da Grã-Bretanha, é certo que aquele entrou em contato com a obra desse último. Tanto que, para confirmar esse fato, as teorias mandevilleanas são mencionadas no livro *Teoria dos Sentimentos Morais*, famosa obra de Smith, a qual precedeu *A Riqueza das Nações*. Como afirma Eduardo Giannetti:

Adam Smith, ao criticar o “sistema licencioso” de Mandeville na *Teoria dos sentimentos morais*, pôs o dedo no nervo da questão: ‘A grande falácia do livro do dr. Mandeville é representar toda paixão como inteiramente viciosa, na medida em que ela o seja em qualquer grau ou em qualquer direção’. (2002, p. 141).

Embora faça uma crítica momentânea ao texto do médico holandês, não é uma tarefa complicada encontrar trechos na obra-prima de Smith que poderiam muito bem ter sido inspirados na *Fábula*. Aliás, uma das frases mais famosas de todo o livro, a qual é constantemente citada nos mais diversos manuais de economia, possui uma clara semelhança com uma parte do poema de Mandeville. Conforme Adam Smith, “não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração deles pelo seu próprio interesse” (1985, p. 50). Dessa forma, segundo Edwin Cannan:

Considerando a palavra *vício* (grifo do autor) como um erro em lugar de amor próprio, Adam Smith poderia ter repetido cordialmente as já citadas linhas de Mandeville:

“Assim, o vício alimentava a inventividade
a qual se associava à folga e ao trabalho
Tivesse as conveniências da vida alçado
seus prazeres reais, confortos e vagares
a alturas que tais, os muito pobres
Viveriam melhor que os ricos de outrora. (1985, p. 30).

Outro tópico que resulta em uma comparação pertinente diz respeito ao momento em que Smith trata da conhecida *mão invisível*. Essa é uma metáfora que o autor utiliza para demonstrar a maneira pela qual os interesses individuais são coordenados em um sistema de livre-mercado, gerando coesão social. Na *Fábula*, Mandeville escreveu:

E a virtude, que com a política
aprendeu milhares de truques sutis,
Foi, por sua feliz influência,
Amiga do vício: e desde então,
O pior indivíduo de toda a multidão
Fez algo para o bem comum. (Tradução e grifos nossos) (1988, p. 69).

Os dois versos grifados trazem elementos parecidos com alguns daqueles que compõem o livro do escocês. Como afirma Kenneth Lux:

Smith afirma que, na busca por seu interesse próprio, um indivíduo é ‘conduzido por uma mão invisível a promover um fim que não fazia parte de sua intenção. E nem sempre é pior para a sociedade que aquele fim não faça parte desta. Buscando seu próprio interesse, ele freqüentemente promove o da sociedade mais efetivamente do que realmente tencionava promover’. (1993, p. 30).

Dessa forma, entende-se que a vontade que os seres humanos possuem de serem recompensados é maior do que os supostos motivos nobres que

motivariam as ações das pessoas. A sociedade não pode esperar por gentilezas ou altruísmos, pois essas atitudes seriam infrutíferas para beneficiar a todos. Sobre o mesmo assunto garante Todd Buchholz acerca do pensamento de Adam Smith:

O governo não deveria reprimir as pessoas egoístas, pois o egoísmo é uma rica fonte natural. As pessoas seriam idiotas e as nações ficariam empobrecidas se elas dependessem de caridade e altruísmo. Smith afirma que o homem quase constantemente necessita de ajuda dos outros, mas é esperar em vão “contar com ela apenas por sua benevolência. Será mais provável ter êxito se ele puder lhes mostrar que isso será para o seu próprio benefício”. (...) A mão invisível simplesmente simbolizava o verdadeiro orquestrador da harmonia social, o livre-mercado. (2000, p. 34-36).

Outrossim, quando houvesse uma interferência externa, o arranjo social seria profundamente alterado e sucumbiria à catástrofes de toda a ordem. Na *Fábula*, a intercessão de Júpiter – requisitada pelas próprias abelhas – fez com que uma grave recessão se abatesse sobre a colméia, desestimulando a divisão do trabalho que lá estava presente e terminando com ela envolvida em uma guerra na qual milhares de habitantes pereceram. Conforme Mandeville:

À medida que minguaram orgulho e luxo,
 Gradativamente deixaram os mares,
 Agora não os mercadores, mas companhias.
 Fecharam fábricas inteiras.
 Todas as artes e ofícios foram abandonados.
 O contentamento, ruína da indústria,
 Fê-los apreciar seu estoque caseiro. (apud BIANCHI, 1988, p. 161).

Essa divisão do trabalho, a qual entrou em decadência na sociedade das abelhas, é o motivo precípua da riqueza dos países, segundo Adam Smith. Assim, sobre a diferenciação das ocupações e dos empregos, Smith escreveu que ela “geralmente atinge o máximo nos países que se caracterizam pelo mais alto grau da evolução” (1985, p. 42). Sobre esse assunto, assevera Silvia Possas:

Os indivíduos percebem que podem se tornar mais ricos ao se especializarem numa atividade particular e, assim, contribuem, mesmo que de forma não-intencional, para o aprofundamento da divisão do trabalho. Portanto, ao buscarem seu próprio interesse, sem necessidade de nenhuma *intervenção legal*, colaboram para o crescimento do conjunto da riqueza da nação. (grifos nossos) (1997, p. 22).

Assim sendo, percebe-se que a subjugação dos fatores individuais por parte de algum elemento alheio à ordem social acarreta em resultados desagradáveis, para ambos os autores.

7. CONCLUSÃO

No decorrer deste artigo foi procurado traçar as principais linhas de pensamento comuns entre os filósofos Bernard Mandeville e Adam Smith, com base nas idéias expostas em suas obras mais conhecidas. Foram exibidas parte das semelhanças existentes entre esses dois intelectuais, que foram fundamentais para o desenvolvimento do paradigma liberal-individualista no campo das ciências humanas e sociais, principalmente na Economia.

Foi demonstrado que idéias presentes no livro *A Riqueza das Nações* já encontravam seu embrião em *A Fábula das Abelhas*, como a questão do mercado auto-ajustável, a divisão do trabalho e os interesses individuais como sendo os verdadeiros gestores da harmonia social. Smith demonstrou as falhas existentes no sistema econômico vigente em sua época, utilizando para isso argumentos que já haviam feito Mandeville sofrer perseguições décadas antes.

Em suma, como afirma Daniel Fufeld:

Smith demonstrou que as motivações louvadas por Mandeville meio século antes eram realmente as fontes de crescimento econômico, ordem social e bem-estar coletivo. O caminho da fraternidade – ao menos nos assuntos econômicos – passava pelo egoísmo competitivo. Dessa forma, Adam Smith proveu os filósofos sociais e os moralistas de soluções para os problemas para os quais se buscavam respostas havia um século. (2003, p. 50).

REFERÊNCIAS

BIANCHI, Ana Maria. **A pré-história da economia: De Maquiavel a Adam Smith**. São Paulo: Hucitec, 1988. 168 p.

BUCHHOLZ, Todd G. **Novas idéias de economistas mortos**. Rio de Janeiro: Record, 2000. 366 p.

COUTINHO, Mauricio Chalfin. **Lições de economia política clássica**. São Paulo: Hucitec, 1993. 220 p.

FUSFELD, Daniel R. **A era do economista**. São Paulo: Saraiva, 2001. 356 p.

GALBRAITH, John Kenneth. **O pensamento econômico em perspectiva: uma história crítica**. São Paulo: Pioneira; USP, 1989. 289p.

GIANNETTI, Eduardo. **Vícios privados, benefícios públicos?: a ética na riqueza das nações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 244 p.

GREMAUD, Amaury Patrick; PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. **Manual de economia**. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2004. 606 p.

HAYEK, Friedrich. **Lecture on a Master Mind**. Londres: [s.n.], 1967.

HUNT, E. K. **História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 512 p.

LUX, Kenneth. **O erro de Adam Smith: de como um filósofo moral inventou a Economia e pôs fim à moralidade**. São Paulo: Nobel, 1993. 223 p.

MANDEVILLE, Bernard. **The Fable of the Bees or Private Vices, Publick Benefits: With a Commentary Critical, Historical, and Explanatory by F.B. Kaye**. Indianapolis: Liberty Fund, 1988. v. 1. Disponível em: <<http://oll.libertyfund.org/title/846>>. Acesso em: 06 junho 2008.

POSSAS, Sílvia. Adam Smith. In: CARNEIRO, Ricardo (Org.). **Os clássicos da economia**. São Paulo: Ática, 1997. p. 15-53.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 2 v.